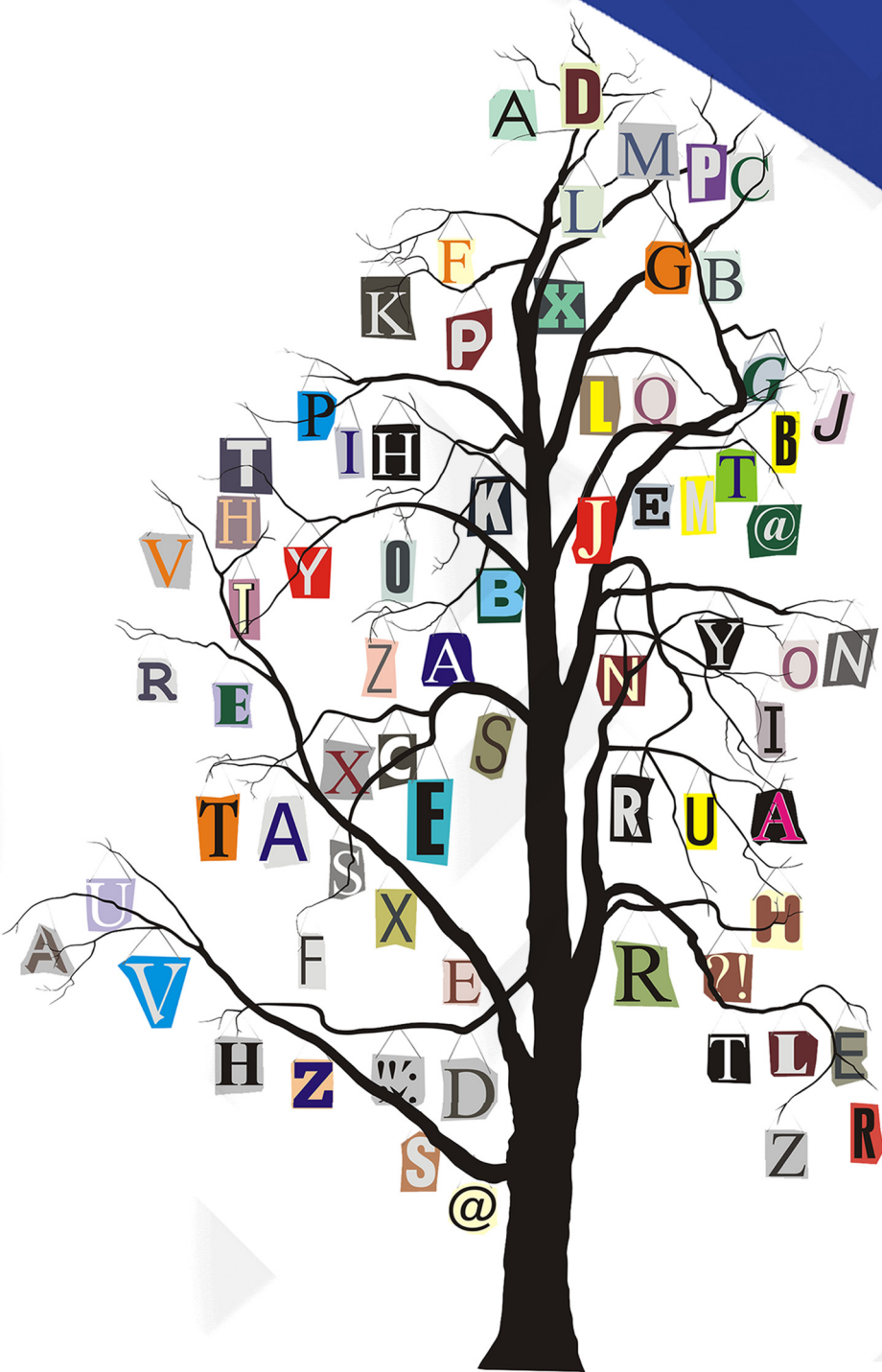


(In) Subordinações Contemporâneas: Linguística, Letras e Artes

Angela Maria Gomes
(Organizadora)



Angela Maria Gomes
(Organizadora)

**(In) Subordinações Contemporâneas:
Linguística, Letras e Artes**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
159	(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-608-9 DOI 10.22533/at.ed.089190309 1. 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Gomes, Angela Maria. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Incorporando as discussões e propostas da educação, no que abrange as ciências artísticas e da linguagem, (IN)subordinações Contemporâneas: Linguísticas, Letras e Artes traz em seu discurso reflexões em favor de uma educação voltada para a inclusão social e pelo reconhecimento e valorização da diversidade artística cultural, incluindo a brasileira. Tais reflexões foram embasadas a partir de, entre outras metodologias, levantamentos bibliográficos, estudos de caso, relatos de experiências e análise de obras literárias, de cinema e teatrais. Diretrizes Curriculares e a Base Nacional Comum Curricular também foram referendadas e analisadas.

Na linguagem, começando por com uma visão naturalista a qual defende que a mesma se desenvolveu e evoluiu com o passar do tempo, tal qual outros elementos naturais, formando assim uma ciência da linguagem pautada nas premissas do botânico Charles Darwin, aproximando as ideias naturalistas dos estudos linguísticos. Ainda sobre o tema, encontramos uma visão holística de como o educador pode lançar mão dos conhecimentos fonéticos e fonológicos em seu trabalho constante na sala de aula quando detectado em seus alunos dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Em análise do processo de produção textual, especificamente da evolução ocorrida entre a primeira e a última versão da produção de artigos de opinião, são aqui analisadas as principais dificuldades que surgem em relação à produção desse gênero do discurso. Investigam-se aqui as possíveis principais dificuldades que o aluno apresenta ao elaborar um texto argumentativo.

No campo das artes, vislumbramos desde estudos sobre danças e músicas regionais, reflexões sobre experiência de trocas e processos criativos para a gravação e posterior performance de trilha sonora autoral, até a proposta de utilização de aparatos tecnológicos como ferramenta educacional que oportuniza a inclusão de discentes sem conhecimento musical prévio e pouco contato com a linguagem musical tradicional. Outro ensaio também descreve os procedimentos utilizados em curso de extensão estruturado para a formação criativo-musical de crianças e discute o estímulo produzido partindo do potencial criativo dos alunos, relacionando domínios artísticos diversos (pintura, vídeo arte, literatura, vídeo game arte, quadrinhos...) e aplicando novas tecnologias para o ensino-aprendizagem de instrumentos de percussão. Ensino de artes e as suas ressonâncias na formação inicial de professores foram observadas sob a luz das Diretrizes e Referenciais Curriculares. Assim, esses são alguns dos questionamentos e desafios aqui colocados e refletidos para o ensino da arte contemporânea.

Outro tema aqui abordado: Inclusão Social, que tem sido alvo de muita propagação no cenário brasileiro desde a década de 1990. No contexto da educação de surdos, este processo é motivo de muitas polêmicas e discussões, uma vez que o Ministério da Educação lança políticas de uma educação para esse público direcionadas ao ensino regular. Já a comunidade surda se mantém em uma posição contrária a

essa, dando ênfase a uma educação específica para surdos, tendo como principal língua de instrução a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Na questão da inclusão, conjuntamente aqui, reflexões sobre o processo de disseminação de saberes sobre as minorias indígenas no cenário educacional brasileiro, um dos problemas que continuam a desafiar as políticas sociais, e a inclusão e aceitação da pessoa com síndrome de Down na sociedade. Os processos de desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de Down estarão tanto mais próximos da efetivação dos direitos de cidadania quanto mais sua inclusão e aceitação na sociedade forem garantidas e defendidas.

Com o advento das Novas Tecnologias na Educação Brasileira, o tema não poderia deixar de ser contemplado. É preciso que ocorra a ruptura de padrões outrora estabelecidos, para que a escola e o professor desenvolvam papéis diferentes e a aula deixe apenas o modelo convencional e sejam trabalhadas novas metodologias. Entre outras, neste volume, analisa-se a possibilidade da utilização de aparatos utilizados no pré-cinema como forma de inserir as tecnologias na educação.

Dessa forma, esta coletânea objetiva contribuir de forma significativa para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Linguísticas , Letras e Artes - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional, artístico e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ESCOLA NATURALISTA E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM: DUELOS E DEBATES	
Daiany Bonácio	
Mariângela Peccioli Galli Joanilho	
DOI 10.22533/at.ed.0891903091	
CAPÍTULO 2	15
A MÚSICA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE AÇÕES MUSICAIS PARA PROFESSORES NÃO ESPECIALISTAS	
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira	
André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903092	
CAPÍTULO 3	31
A POLÊMICA DOS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO DA INCLUSÃO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS	
Marcos Roberto dos SANTOS	
DOI 10.22533/at.ed.0891903093	
CAPÍTULO 4	40
A SUBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS INDÍGENAS EM APARATO DIDÁTICO EM CIRCULAÇÃO NO CIBERESPAÇO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903094	
CAPÍTULO 5	56
AINDA SOBRE A EDUCAÇÃO DO NÃO-ARTISTA: REFLEXÕES SOBRE UMA POSSÍVEL INICIAÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA POR MEIO DE NÃO-FORMAS E SUA CONCEITUAÇÃO	
Italo Bruno Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0891903095	
CAPÍTULO 6	67
ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICA DOS DISCURSOS SOBRE 'ORIENTAÇÃO SEXUAL' NA BNCC: EXCLUSÃO E (É) PRECONTEITO?	
Luciene de Carvalho Mendes	
Isabela Candeloro Campoi	
DOI 10.22533/at.ed.0891903096	
CAPÍTULO 7	79
ARTE E CULTURA NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA AS LICENCIATURAS	
Mirian Celeste Martins	
DOI 10.22533/at.ed.0891903097	

CAPÍTULO 8	90
ARTIGO DE OPINIÃO: ESTUDO DE CASO SOBRE ASPECTOS RECORRENTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
Mirian Celeste Martins Thaís Aparecida Burato	
DOI 10.22533/at.ed.0891903098	
CAPÍTULO 9	103
AS IDAS E VOLTAS DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL	
Monica Rodrigues de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.0891903099	
CAPÍTULO 10	115
BIOGRAFIA E MÚSICA NO CANDOMBLÉ	
Ferran R. Tamarit	
DOI 10.22533/at.ed.08919030910	
CAPÍTULO 11	126
CENTROS DE AUTOACESSO E AUTONOMIA DOS ALUNOS	
Tamires Miranda de Oliveira Italo Barroso Melo Walkyria Alydia Grahl Passos Magno e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08919030911	
CAPÍTULO 12	137
COMPOSIÇÃO MUSICAL NO BOI TINGA EM SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA: HISTÓRIA E ANÁLISES MUSICAIS A PARTIR DO TROMPETE EM BB	
Rosinei Gilberto Rodrigues Monteiro Junior Everton Dalton Pereira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.08919030912	
CAPÍTULO 13	150
CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA PRÁTICA DOCENTE: ALUNOS COM DESVIO DE FALA	
Jeislene Dutra Pouso Jackeline Aguiar Silva Sousa Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030913	
CAPÍTULO 14	162
DANÇAS REGIONAIS & <i>BALLET</i> CLÁSSICO	
Lucienne Ellem Martins Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030914	
CAPÍTULO 15	174
ENSINO MUSICAL, DIVERSIDADE ARTÍSTICA E NOVAS TECNOLOGIAS: POR UMA (IN)ICIAÇÃO PERCUSSIVA (IN)TEGRADA E (IN)SUBORDINADA	
Ronan Gil de Moraes Léia Cássia Pereira da Paixão	

Lucas Fonseca Hipolito de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.08919030915

CAPÍTULO 16 186

ENTRE HETEROTOPIA E UTOPIA: DO REGIME DE ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM *O BALCÃO*, DE JEAN GENET

Nilda Aparecida Barbosa

Roselene de Fátima Coito

DOI 10.22533/at.ed.08919030916

CAPÍTULO 17 199

ESTUDO DA NARRATIVA ROSIANA EM “DÃO-LALALÃO”

Jacqueline de Sousa Miranda

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.08919030917

CAPÍTULO 18 214

LETRAMENTOS EM TEMPO DA COMUNICAÇÃO UBÍQUA NAS VOZES DOS GRADUANDOS DE LETRAS NA MODALIDADE À DISTÂNCIA

Albina Pereira de Pinho Silva

Wendell Camilo Deposiano

DOI 10.22533/at.ed.08919030918

CAPÍTULO 19 225

LITERATURA E INTERATIVIDADE NO CIBERESPAÇO: A POÉTICA INTERATIVA DE ZACK MAGIEZI

Camila Santos de Almeida

Daniela Silva Braga

Maryna Garcia Wagner

Larissa Cardoso Beltrão

DOI 10.22533/at.ed.08919030919

CAPÍTULO 20 233

MULHERES NOS ANOS DOURADOS: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DAS MULHERES, A PARTIR DO CORPO E DO TRABALHO, NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, DA DÉCADA DE 50

Palmira Heine Alvarez

DOI 10.22533/at.ed.08919030920

CAPÍTULO 21 245

MULHERES SOB O OLHAR DOS ADOLESCENTES: UMA EXPERIÊNCIA COM FOTOGRAFIA E ARTE

Carla Carvalho

Helen Rose Leite Rodrigues de Souza

Rosana Clarice Coelho Wenderlich

DOI 10.22533/at.ed.08919030921

CAPÍTULO 22 258

O PRÉ-CINEMA COMO RECURSO METODOLÓGICO DE INSERÇÃO DAS

TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Fabiane Costa Rego

Marcus Ramusyo de Almeida Brasil

DOI 10.22533/at.ed.08919030922

CAPÍTULO 23 270

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO
SONS DE MAKUNAIMA NAS SALAS DE AULAS

Marcos Vinícius Ferreira da Silva

Beatriz Taveira de Moura Teixeira

Celso Lima

Leila Adriana Baptaglin

Rosângela Duarte

DOI 10.22533/at.ed.08919030923

CAPÍTULO 24 286

PROCESSOS CRIATIVOS E ARTIVISMOS FEMINISTAS ANTI-RACISTAS E
DECOLONIAIS DE ASÈ

Laila Rosa

Iuri Passos

Adeline Seixas

Brenda Silva

Daniela Penna

DOI 10.22533/at.ed.08919030924

CAPÍTULO 25 295

PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A OBESIDADE INFANTIL E GESTÃO
BIOPOLÍTICA: CORPO E (IN)SUBORDINAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Michelle Aparecida Pereira Lopes

DOI 10.22533/at.ed.08919030925

CAPÍTULO 26 306

SÍNDROME DE DOWN E DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE DO FILME
“CITY DOWN A HISTÓRIA DE UM DIFERENTE”

Nilsen Aparecida Vieira Marcondes

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro

DOI 10.22533/at.ed.08919030926

CAPÍTULO 27 325

SONORIZAÇÃO AO VIVO: O ACASO E A ATITUDE DE TATEAR NA CONSTRUÇÃO
SONORA DE A LUTA VIVE

Alexandre Marino Fernandez

Ricardo Tsutomu Matsuzawa

DOI 10.22533/at.ed.08919030927

CAPÍTULO 28 335

TEMPO E MEMÓRIA DE ENVIOS NA OBRA DE ELIDA TESSLER

Isabela Magalhães Bosi

DOI 10.22533/at.ed.08919030928

CAPÍTULO 29	346
TRILHAS - POR ONDE PISAM MEUS PÉS	
Andréa Luisa Frazão Silva	
Adriana Tobias Silva	
Monica Rodrigues de Farias	
Marcus Ramusyo de Almeida Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.08919030929	
CAPÍTULO 30	360
VIBROACÚSTICA Y CREATIVIDAD “UNA EXPLORACIÓN EN ARTES A TRAVÉS DE LA EXPERIMENTACIÓN SENSORIAL”	
Lucía Noel Viera	
Alejandra Escribano	
DOI 10.22533/at.ed.08919030930	
SOBRE A ORGANIZADORA	364
ÍNDICE REMISSIVO	365

BIOGRAFIA E MÚSICA NO CANDOMBLÉ

Ferran R. Tamarit

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: Durante o século XX se deu um incremento notável do interesse acadêmico pelas chamadas religiões afro-brasileiras. No caso específico da música, esta foi sistematicamente desconsiderada e tomada como um elemento caótico ou exótico. Paralelamente, debates críticos a partir da década de 1970 levantaram a questão do pouco interesse na academia ocidental pela voz, presença e participação dos agentes e detentores do conhecimento musical. Frente a invisibilidade e às assimetrias na produção e difusão do conhecimento, as abordagens biográficas se apresentam como uma ferramenta com grande potencial para o trabalho etnográfico, especialmente quando pensadas como instrumentos de valorização e redistribuição da autoridade científica e epistemológica.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Candomblé, Biografia..

BIOGRAPHY AND MUSIC IN CANDOMBLÉ

ABSTRACT: During the 20th century, there was a notable increase in the academic interest in Afro-Brazilian religions. In the specific case of

music, it has been systematically disregarded and taken as a chaotic or exotic element. At the same time, critical debates since the 1970s have raised the question of the poor interest in Western academia through the voice, presence and participation of the agents and holders of musical knowledge. Faced with the invisibility and the asymmetries in the production and diffusion of knowledge, biographical approaches seems to be a tool with great potential for ethnographic work, especially when thought as instruments of valorization and redistribution of scientific and epistemological authority.

KEYWORDS: Music, Candomblé, Biography.

1 | INTRODUÇÃO

Eu era menor, e não queria saber. Só queria saber de dormir, de correr, brincar... E tinha que estar dentro daquela responsabilidade. E minha mãe... Hoje eu agradeço a ela ne? [...] Eu nasci dentro do *candombré* [sic]. Hoje eu vivo *candombré*. E... Assim... Foi uma história de vida pra mim, ne? (SANTOS, 2014)

Com este depoimento – recolhido numa das diversas conversas que registramos e conveníamos apresentar na minha/nossa dissertação – Claudecy de Souza Santos ou *Dofono D’Omolu*, sacerdote *Babalorixá*, músico e agente destacado do universo afro-religioso

da Baixada Fluminense carioca, expressa e situa sua experiência de vida, seu lugar de fala e algumas das chaves-conceituais que pautam sua prática cotidiana em volta da performance ritual e da produção sonora dentro e fora da religião.

As reflexões sugeridas nesse ensaio partiram de nossa relação – sensível e afetada (FAVREET-SADA, 1990) – de parcerias, aprendizados e trabalho, especialmente intensa nos últimos cinco anos e permanentemente balizada pelo *fazer sonoro-musical* e nosso envolvimento religioso com o candomblé. Algumas destas reflexões foram apresentadas na dissertação de mestrado – *Tocar e ser tocado. Cantar e encantar. Música, trânsitos e relatos de uma vida no candomblé* (TAMARIT, 2017), defendida no PPGM/UNIRIO.

Durante nossa pesquisa, procurei discutir e problematizar, entre outros, o papel e posição dos sujeitos na pesquisa etnográfica em música e trabalhei em base à propostas metodológicas como a *etnografia musical sujeito-centrada* (RICE, 1994) – baseada no diálogo etnográfico com um indivíduo (ou um pequeno grupo de indivíduos) – e no uso de técnicas biográficas como ferramentas para o estudo das performances musicais dentro das religiões afro-brasileiras, as quais podem ser consideradas como um conjunto de práticas e concepções religiosas diversas, provenientes da África Ocidental e Central, que ao longo de sua dinâmica histórica foram se combinando e incorporando – em graus e intensidades diversos e nem sempre de forma pacífica e consentida – elementos dos cultos e práticas indígenas, assim como do catolicismo popular e do espiritismo europeu.

No candomblé e nas religiões afro-brasileira a música é um elemento principal, seu “coração” (LÜHNING, 1990) e um aspecto central que “[...] permeia [virtualmente todos] os procedimentos litúrgicos a modo dos rituais tornarem-se verdadeiras celebrações musicais” (FONSECA, 2003, p. 3). Som e movimento – assim como um complexo sistema de estímulos visuais, gestuais, olfativos, gustativos, etc. – configuram a experiência ritual e permitem a comunicação com o universo sagrado – estabelecendo o circuito de reciprocidades que fundamenta a movimentação do Axé, que poderíamos definir como o “[...] princípio dinâmico que torna possível todo o processo de realização da vida. É uma força que pode ser transmitida, conduzida, acumulada ou perdida, podendo estar presente em substratos materiais e simbólicos” (FONSECA, 2003, p. 51).

Outro ponto importante em relação à nossa abordagem é a problematização do próprio termo *música*, pois como

Produto de uma cultura, o que denominamos “música” assume diversas formas ao longo do tempo e do espaço. Seja em relação às configurações sonoras ou no que diz respeito aos elementos que o compõem, o fenômeno musical não possui um arquétipo único, universal (CARDOSO, 2006, p. 79).

Esta vem sendo discutida para além do olhar euro-ocidental que prioriza sua forma, produto ou resultado. Perspectivas como as de Jeff Todd Titon (2009, p. xviii)

e sua definição da etnomusicologia como “o estudo de pessoas fazendo música”; ou o *musicar* (*musiking*) proposto pelo musicólogo Neozelandês Christopher Small (1998) – que inclui como fazemos, percebemos, interpretamos ou respondemos ao som como seres humanos, perceptual, conceptual ou emocionalmente – propiciaram uma mudança do foco da pesquisa em música para o processo de *fazer música*, incluindo “[...] as interações entre todos os seres humanos presentes durante um evento musical, as motivações atrás de seus comportamentos, e a significação que eles dão para estes”, e considerando, portanto, “[...] as dinâmicas intelectuais, físicas, culturais e sociais e os processos que geram produtos musicais” (RICE, 2014, p. 6). Este é nosso ponto de partida para as discussões que seguem.

Finalmente, devemos ressaltar que assim como na nossa dissertação, com a finalidade de preservar (na medida do possível) a autoridade e o lugar de fala dos participantes tentamos incluir, sempre que acordado, o maior número possível de seus depoimentos e reflexões integralmente citados no próprio texto. Com o fim de salvaguardar o sentido e estilo próprios, tentamos respeitar ao máximo palavras e o uso de termos próprios, expressões informais e gírias, referenciadas em *itálico* e acompanhadas, quando necessário, da expressão [sic] e de esclarecimento. Seguindo a proposta de Almeida (2009), todos nossos interlocutores e colaboradores serão referenciados como autores a partir de seus sobrenomes e da data em que as conversas aconteceram. Na bibliografia estarão todos os detalhes sobre cada registro.

2 | AS NAÇÕES DE CANDOMBLÉ

O Brasil é um país afro-luso-americano. Americano, evidentemente, por sua situação geográfica e sua população indígena; lusitano, por ter sido colonizado pelos portugueses; e africano, não só porque a nação brasileira foi formada pelo trabalho dos negros escravos como também porque eles constituíram historicamente o elemento de população mais denso [...] a partir do qual se multiplicou a população no Brasil, profundamente marcada por seus costumes, sua religião e suas tradições (SANTOS, 2012, p. 25-26)

No caso que nos ocupa, vou me fixar no que é chamado na Bahia de candomblé *Nagô* ou *Ketu*, no qual são cultuados os *orixás* – entidades negro-africanas provenientes da região do Golfo de Guiné. Mesmo com algumas diferenças, podemos considerar que as diversas *Nações* do Candomblé – termo com o qual se identificam as três principais variantes do culto baiano: o candomblé *Ketu*, *Kongo-Angola* e *Jejê* – compartilham um mesmo corpus cosmológico, filosófico e certas características socioculturais que foram sendo transmitidas oral e corporalmente como parte dos chamados *fundamentos* nas comunidades religiosas – representadas paradigmaticamente pelos templos ou *terreiros* – os quais, por sua vez, impregnam toda a vida e a sociabilidade negra e afrodescendente.

O próprio candomblé, como prática religiosa afro-brasileira, foi produto das

maiores tragédias da história da humanidade – o colonialismo e o escravagismo transatlântico – constituídos em volta da retirada compulsória de enormes contingentes de população de seus contextos maternos no continente africano (e outras partes do mundo) sob uma condição de exploração forçada e de não-humanidade; os quais deixaram profundas marcas na sociedade e cultura brasileiras.

Especificamente em relação às *Nações*, diferentes estudos apontam que estas nasceram da associação do Estado com a Igreja com o intuito, entre outros, de reprimir práticas não-católicas. Fruto desta perversa relação nasceram entre outras as irmandades, onde os africanos e seus descendentes foram divididos segundo afinidades étnicas, de cor ou linguísticas, e as quais segundo Costa Lima (1976) perderam rapidamente seu sentido político.

Assim, a partir do século XIX, no candomblé de Salvador as pessoas provenientes da atual Angola, Moçambique e do Sul do Congo formaram às nações Kongo, Cambinda e Angola; aquelas naturais ou que embarcaram em regiões próximas ao antigo reino do Daomé (atual Benin, Togo e sul de Gana) foram chamados de Nação *Jêjê* – denominação “[...] genérica, aplicada pela administração colonial francesa [...]. No Brasil, os traços culturais dos Jeje foram comparados aos de origem Fon e Adja” (SANTOS, 2012, p. 31); e as pessoas do conjunto de reinos da *Yorubaland* (Sul e centro do Daomé e Sul-oeste da Nigéria) constituíram à Nação Ketu – chamados de *yorubas* da Nigéria, *Lucumí* em Cuba ou *Nagô* no Brasil. Estes grupos estariam “[...] vinculados por uma língua comum com variantes dialetais [...] [e se reconhecem] descendentes de um único progenitor mitológico, Odùduwà, emigrantes de um mítico lugar de origem, Ilé Ifè” (SANTOS, 2012, p. 28-29). Cada “nação” apresenta uma cosmologia e características próprias em relação à língua, às entidades cultuadas, à música e à estrutura do culto, mesmo conservando traços comuns como base de sua estrutura litúrgica e ritual.

3 | UMA VIDA NO CANDOMBLÉ

Está muito difícil pra mim, eu não me habituo com certo tipo de coisas por causa da minha mãe. Por causa da minha origem, que eu sinto muito amor pelo meu Santo, que eu *fiz Santo* criança [...]. Então hoje eu procuro manter a tradição que eu aprendi e quero manter (SANTOS, 2017)

Foi em 1960 que Valdelice Santos da Silva – conhecida no candomblé pelo seu cargo ritual e apelido, *Ekedji Nicinha d’Oxumarê* – nascida no bairro de Cosme de Farias de Salvador (Bahia), chegou ao Rio de Janeiro com suas duas filhas, Valdiceia e Valmira. Lá, reencontra seu marido Claudemiro de Souza Santos, natural do bairro de Engenho Velho de Brotas da capital soteropolitana e conhecido como *Ogã Cadú d’Oxalá* ou *Tata Xaxuê d’Amungongo*, e a família se estabelece na região de Duque de Caxias onde nascem Valdileia e Claudecy. Posteriormente, adquirem por intermediação de um parente um imóvel na região de Vila São João, no município

de Vilar dos Teles, onde Claudecy mora até hoje.

O *Dofono D’Omolu*, como é conhecido dentro e fora do âmbito religioso-ritual, foi iniciado com pouco mais de um ano de idade para *Omolu*, seu *orixá de cabeça* ou patrono, dentro da Nação *Ketu* na casa de “Pai Milton e Mãe Diva”, situada no bairro da Freguesia do Ó, zona norte de São Paulo. A linhagem desta casa não está clara para o Dofono, mas segundo ele estaria ligada ao *Ile Axé Iyá Nasso Oká*, conhecido como Casa Branca ou Engenho Velho de Brotas:

A gente sempre fala que somos da Casa Branca, porque *Seu Mundinho da Formiga* é filho de *Seu Otávio da Ilha Amarela*, e são Axé Casa Branca (SANTOS, 2017).

O motivo da prematura iniciação de Dofono foi uma grave doença que impedia seu crescimento. A família procurou amparo nas religiões afro-brasileiras e Nicinha acabou tendo que ser iniciada em São Paulo junto com seu filho. A iniciação resolveu os problemas de saúde de Claudecy, mas sua vivência e aprendizados no *candomblé* sempre esteve ligada à Nação Angola:

[...] fomos criados no terreiro, a gente, no Angola. No *Gidemi*, no Acari, rua Guaiuba, era uma roça ali do *Gidemi*. A gente vivia muito lá, e meu pai e minha mãe criou muito *iawô* lá (SANTOS, 2017)

Assim, o principal sustento da família esteve sempre relacionado ao universo ritual do *candomblé* e foi neste contexto que Dofono incorporou o vasto conhecimento sobre as músicas e danças rituais.

4 | APRENDENDO MÚSICA NO CANDOMBLÉ

Vivência e oralidade (SANTOS, 2012) são a base do sistema de aprendizado nas comunidades religiosas afro-brasileiras. Nelas os conhecimentos são incorporados – mediante o convívio e através de um longo percurso iniciático – paulatina e sequencialmente, e o acesso a eles marca o lugar e posição de cada indivíduo dentro da hierarquia ritual. No entanto, é comum ouvir que “cada casa é um caso” para enfatizar à falta de dogmas e referenciais únicos. Esta afirmação serve também para o aprendizado dos aspectos musicais e/ou coreográficos:

Eu aprendi isso. Aquele *cha-cha-kin-din-ki*. Só que isso é coisa minha. Não sei se todo o mundo na Bahia sabe. Só sei que eu aprendi, e é diferente mesmo (SANTOS, 2017)

Em relação à transmissão e aprendizado dos aspectos sonoro-musicais, podemos ver como nesse último depoimento Dofono usa uma forma “cantada” para explicar os sons tocados. Isto é também observado por Almeida (2009, p.33) segundo o qual “[...] o principal caminho no processo de transmissão é caracterizado

por fonemas, tipo: TA, KUM, GUM, RUM, DUM, KA, RUM, entre outros, que são, na verdade, sons onomatopaicos, acompanhados de movimentos corporais”. O Dofono usa este recurso, tanto em aulas de dança como de toque, para mostrar a inter-relação do *rum* (*atabaque* ou tambor mais grave) com os passos coreografados ou *movimentos* das entidades em resposta aos estímulos sonoros. Obviamente, estas mesmas sílabas se correspondem também com “movimentos” relacionados com a mecânica para efetuar cada som/timbre específico.

Outro aspecto importante é a força da relação que poderíamos denominar “mestre-aluno”, a qual é fundamental e marca todo o processo de incorporação de conhecimentos. Como referencial básico, esta faz com que Dofono tenha uma clara consciência do certo/errado que se concretiza numa “teoria musicológica” própria sobre diversos aspectos sonoro-musicais no *candomblé*:

Eu acho que tudo tem que ser de acordo, direitinho, com amor. Não gosto de muita bagunça, de atabaque subindo, correndo. O couro tem que estar tudo no mesmo padrão. O atabaque não sobe mais que o rum, que fica feio... não vira uma orquestra. A gente procura fazer uma orquestra (SANTOS, 2017)

Eu toco pausado [...] Procura escutar a base e qualquer toquinho que tu faz sobressai. Não fica o tempo todo enchendo... sem respirar. Ouvir aquilo puro, sem muito rum (SANTOS, 2017)

Emoções e lembranças se entrelaçam na performance e no jeito de sentir, vivenciar e transmitir os vários aspectos envolvidos nela, especialmente aquelas relacionadas ao próprio aprendizado, ao respeito pelos antecessores ou à relação de “mestre-aprendiz”:

Eu gostava muito de tocar ao lado do meu pai. Meu pai era muito... concentrado para atabaque. Ele tocava muito música, meu pai era muito músico. [...] Meu pai foi meu professor. Minha mãe foi minha professora. Eu sou filho de dois professores dentro de casa (SANTOS, 2014)

Tem uma forma de tocar que eu acredito que você deve pensar muito em mim também, quando você está dobrando rum [Ferran: Toda hora!]. É a mesma coisa eu. Quando estou dobrando eu lembro muito do meu pai, e isso é uma troca (SANTOS, 2017)

Assim, a “teoria musical” se vê profundamente influenciada por este aprendizado oral e vivencial, por esta forma de apreensão baseada na observação atenta, na repetição, na imitação e na variação criativa (ALMEIDA, 2009) como seus elementos básicos.

5 | BIOGRAFIA. UMA FERRAMENTA ADEQUADA?

Durante o século XX foram levantados diversos debates críticos decorrentes das lutas em favor do exercício da plena representação e dos direitos de diversos

coletivos e minorias os quais colocaram em pauta, entre outras, a questão do pouco ou nulo interesse na academia ocidental pela voz, presença e participação efetiva dos agentes e detentores do conhecimento (musical) “nativo”.

Na etnomusicologia contemporânea, esta mis-representação da dimensão individual na música foi devida em parte à herança e hegemonia do paradigma antropológico ou etnográfico iniciado por Alan Merriam na década de 1960, segundo o qual a escrita etnomusicológica compararia pessoas no nível do que foi chamado de “cultura”, e por tanto, os indivíduos, apesar de “[...] sempre estarem lá, raramente apareceram como sujeitos principais dos estudos por si mesmos” (STOCK, 2001, p. 7).

Por outro lado, as noções de “cultura” e indivíduo – como produtos modernos do pensamento ocidental – até hoje sofrem o impacto das assimetrias na produção e difusão do conhecimento. Assim, a narrativa hegemônica nas ciências humanas e sociais ainda tende a negar a agência individual em favor de abordagens de “*cultural-average*” (STOCK, 2001) e a representar “materiais” (musicais) não-ocidentais como propriedades sem voz nem autoria de grupos étnicos ou áreas geográficas. Diversas autoras como Rees (2001) ou Qureshi (2001, p. 106) denunciam esta posição, pois “[...] não só é neocolonial, como nega nossa “contemporaneidade” (Fabian, 1983) como parceiros musicais e compromete a inclusão de pontos de vista outro-centrados”.

É por isso que a partir dos anos 1980 diversas propostas em torno do que poderíamos chamar de abordagens biográficas emergiram como potenciais ferramentas na etnomusicologia. Promovidas por proposições como as de Timothy Rice (1994, p. 8) que se pergunta “[...] como a música é individualmente criada e experimentada, como é historicamente construída e como é socialmente mantida” – enfatizando as dimensões individuais, subjetivas e contingentes para à construção de suas etnografias; ou a reformulação do conceito de “cultura” proposta por Thomas Turino (1989) – que deixou de toma-la como aquilo comum a um determinado coletivo para considera-la um produto historicamente situado de múltiplas agências individuais; contribuíram para situar a memória, o contexto histórico e os indivíduos no centro das discussões sobre música, colocando “aquilo pessoal, idiossincrático e excepcional” como “peças para a construção daquilo coletivo, típico e ordinário” (STOCK, 2001, p. 15).

No entanto, alguns autores apontam para diversas precauções em relação ao uso da biografia, como a necessidade de compreender a lógica e articulação dos diversos espaços e instituições nas quais os indivíduos estão inseridos e são coletivamente socializados, para evitar o potencial viés singularista ou essencialista na busca de princípios explicativos a partir de experiências individuais na arte. Neste sentido, Pierre Bourdieu (1996, p. 71) propõe o conceito de trajetória – a descrição das diversas posições sucessivamente ocupadas dentro de um “campo” ao longo do tempo – como alternativa à biografia tradicional. A vida segundo ele nunca é “[...] uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos”, portanto a

descrição de “acontecimentos biográficos” deve ser entendida como “deslocamentos” fruto de lutas no espaço social (BOURDIEU, 1996, p. 81).

Por outro lado, devemos nos atentar a que qualquer narrativa biográfica é um “[...] construto surgido de uma mistura de vozes, cada uma com seu próprio ponto de vista, audiência e agenda representacional” (QURESHI, 2001, p.103). Não podem existir no diálogo etnográfico “portadores de cultura sem voz” (BOHLMAN, 1988 *apud* REES, 2001, p. 61), pois na relação íntima estabelecida durante a pesquisa com esses supostos “representantes médios” (nossos professores, amigos ou colaboradores), rapidamente se torna evidente para qualquer dos sujeitos envolvidos que cada um é um agente ativo de sua própria vida, “[...] tentando dobrar a organização social de acordo com suas próprias circunstâncias e propósitos” (HANNERZ, 1980 *apud* QURESHI, 2001, p. 106).

Por tanto, é preciso procurar estratégias metodológicas que possam dar conta tanto das dimensões individuais (contingentes) como históricas (diacrônicas) sobre a arte e sua ligação com a dinâmica social. Mesmo com o risco de sucumbir a relatos forçadamente cronológicos e coerentes – o que Bourdieu (1996, p. 76) chama de “criação artificial de sentido” – e considerando o aparente paradoxo que a biografia desenha respeito à empreitada etnográfica – não podemos “participar ativamente” nos eventos passados de outros indivíduos – segundo Stock (2001, p. 16), a integração na prática etnomusicológica da observação participante, a literatura disponível e o conhecimento biográfico pode ser uma “potente e flexível ferramenta” capaz de nos fazer pensar sobre “[...] nossas etnografias, reflexivas e experienciais [...] e também comunicar um forte senso de experiência musical”.

6 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de propostas como a *etnografia da música*, entendida como “[...] o escrito sobre as maneiras que as pessoas fazem música” (SEEGER, 1992, p. 2) penso que na troca e diálogo entre a academia e as religiões de matriz africana, é fundamental a atenção e inclusão dos sujeitos e seus pontos de vista como autores e geradores de conhecimento a partir de abordagens o mais dialógicas e participativas possíveis, e neste sentido, a biografia emerge como uma ferramenta eficaz para a compreensão de como as pessoas entendem, defendem, criam, executam, mantem e transmitem suas “músicas”.

Por um lado, focar nas manifestações sonoro-musicais das religiões afro-brasileiras se faz necessário para tentar paliar o pouco interesse por seus aspectos performáticos e aurais nas ciências sociais e humanas. Como Maria Teresa Vélez (2000, p. xix) aponta em seu trabalho sobre a vida e trajetória de Felipe García Villamil, um destacado membro da comunidade religiosa afro-cubana:

Focar num indivíduo e nas particularidades de sua experiência emergiu como uma

estratégia metodológica que contribuiu na correção de generalizações que misrepresentaram e obscureceram a complexidade e heterogeneidade das práticas que estudava.

Por outro lado, como o Dr. Xavier Vatin disse na palestra “Memórias diaspóricas” – proferida no seminário Música em Debate organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ, no Rio de Janeiro, no dia 08 de Julho de 2016 – o simples fato de falar sobre candomblé na academia já é um ato de resistência, e isto se torna muito mais claro e necessário à luz dos recentes acontecimentos de intolerância religiosa e descredito institucional para com sujeitos e instituições das religiões de matriz africana. Nós candomblecistas-acadêmicos, devemos desenvolver posturas “candomblé-centradas” – acunhei este termo a partir do conceito “África-centrado” de Meki Nzewi, o qual implicaria “uma forte e profunda advocacia pelo candomblé, suas gentes, suas artes e cultura, sua saúde física e mental, e seu futuro” (AGAWU, 1992, p. 6) – militantes e comprometidas com suas músicas e especialmente seus agentes.

Como Regula B. Qureshi (2001, p. 128), penso que “minha pesquisa afirma inevitavelmente a natureza contingente de falar por um outro. Ao mesmo tempo, afirma também a necessidade de falar, porque o próprio ato de falar é um poderoso meio de reconhecimento e inclusão no discurso da música”. Neste sentido, me ajuda a (re)pensar a proposta da “etnografia da música” a provocação de Tim Ingold (2014, p. 289), que entende a etnografia como um exercício de educação ou uma trajetória de aprendizados mútuos baseada numa dinâmica relacional entre humanos que se interinfluenciam, pois “humans are not really being at all but “becomings”” (diante da dificuldade de tradução, optei por deixar a citação original). Também a proposição do conceito *humanning* de Meki Nzewi: “[...] um marco interpretativo que em último termo privilegia os atores humanos e suas ações e interações” (AGAWU, 2009, p. 3).

Por tudo isto, penso que mesmo sendo consciente das limitações no uso da memória e da história de vida, a abordagem biográfica se apresenta como uma ferramenta com grande potencial para o trabalho etnográfico, especialmente quando pensada como um instrumento de valorização e redistribuição da autoridade científica e epistemológica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jorge Luiz Sacramento De. **Ensino/aprendizagem dos Alabês: uma experiência nos terreiros Ilê Axé Oxumarê e Zoogodô Bogum Malê Rundó**. 2009. 270p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

AGAWU, Kofi. Representing African Music. In: **Critical Inquiry**, 18 (2), 245-266, 1992. Disponível em: <<http://goo.gl/OuNYiv>>. Acesso: 14 Maio de 2016.

_____. Meki Nzewi and the discourse of African musicology: a 70th birthday appreciation. In: **Journal of the Musical Arts in Africa**, 5 (1), 1-18, 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/9bGwpr>>. Acesso: 14 Maio de 2016.

BOURDIEU, Pierre. Por uma ciência das obras. In: _____. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. 10 ed., p. 53-82. Campinas: Papius, 1996 (Inclui o apêndice “A ilusão biográfica”).

CARDOSO, Ângelo Nonato Natale. **A linguagem dos tambores**. 2006. 402p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

COSTA LIMA, Vivaldo da. O conceito de Nação nos Candomblés Baianos. In: **Afro-Ásia**, Salvador, n. 12, p. 65-90, 1976. Disponível em: <<https://goo.gl/tml8rr>>. Acesso: 10 de Maio de 2016.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Etrê Affecté. In: *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, n.8, pp. 3-9, 1990. Tradução de Paula Siqueira. In: **Cadernos de Campo**, n. 13, 2005.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. **O toque do Gã: tipologia preliminar das linhas-guia do Candomblé Ketu-Nagô no Rio de Janeiro**. 2003. 155p. Dissertação (Mestrado) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2003.

INGOLD, Tim. That's enough about ethnography!. In: **HAU. Journal of Ethnographic Theory**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 383-395, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/dHlvXW>>. Acesso: 29 Agosto de 2015.

LÜHNING, Ângela. Música: coração do Candomblé. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 7, Set/Nov 1990, pp. 115-124. Disponível em <<http://goo.gl/a9Y3vO>>. Acesso: 28 Dezembro de 2015.

QURESHI, Regula Burchhardt. In search of Begum Akhtar: Patriarchy, poetry, and twentieth-century Indian music. In: **World of Music**, 43 (1), p. 97-137, 2001. Disponível em: <<http://goo.gl/CaOoVH>>. Acesso: 15 Maio de 2016.

REES, Helen. He Yi’an’s ninety musical years: Biography, history, and experience in Southwest China. In: **World of Music**, 43 (1), p. 43-67, 2001. Disponível em: <<http://goo.gl/CaOoVH>>. Acesso: 15 Maio de 2016.

RICE, Timothy. *Dancing in the Scholar’s world*. In: RICE, Timothy. **May it fill your soul. Experiencing Bulgarian Music**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

_____. Ethnomusicology in times of trouble. **Yearbook for Traditional Music**, 46, 2014, p. 191-209.

SANTOS, Claudecy de Souza. **Dofono D’Omolu**: depoimento realizado no dia 09 de Dezembro de 2014 às 14:00h na casa do entrevistado. Entrevistador: Ferran Tamarit. Vilar dos Teles, 2014. Registro: câmera GoPro Hero3 e gravadora Olympus Linear PCM Recorder LS-11.

SANTOS, Claudecy de Souza. **Dofono D’Omolu**: depoimento realizado no dia 09 de Fevereiro de 2017 às 10:00h na casa do entrevistado. Entrevistador: Ferran Tamarit. Vilar dos Teles, 2017. Registro: gravadora TASCAM DR-40 Linear PCM Recorder.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte**. Petrópolis: Vozes. [1977] 2012.

SEEGER, Anthony. Etnografia da Música. In: MYERS, H. **Ethnomusicology. An introduction**. London: The MacMillan Press, 1992.

SMALL, Christopher. **Musicking. The meanings of performing and listening**. Middletown (Connecticut): Wesleyan University Press, 1998.

STOCK, Jonathan P. J. Toward and Ethnomusicology of the individual, or biographical writing in Ethnomusicology. In: **The World of Music**, Bamberg (Germany), 43 (1), p. 5-19, 2001. Disponível em:

<<http://goo.gl/CaOoVH>>. Acesso: 15 Maio de 2016.

TAMARIT, Ferran. **Tocar e ser tocado. Cantar e Encantar. Música, trânsitos e relatos de uma vida no Candomblé.** 2017. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TITON, Jeff Todd (Ed.). Preface. **Worlds of Music. An introduction to the music of the world's peoples.** 3a Ed, Belmont (CA): Schirmer Cengage Learning, [1984] 2009.

TURINO, Thomas. The coherence of social style and musical creation among the Aymara in Sothern Peru. In: **Ethnomusicology**, Vol 33, No. 1, p. 1-30, 1989. Disponível em: <<https://goo.gl/cn9AKH>>. Acesso: 15 out. 2016.

VÉLEZ, Maria Teresa. **Drumming for the Gods.** The life and times of Felipe Garcia Villamil, Santero, Palero and Abakuá. Philadelphia: Temple University Press, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 1, 31, 40, 41, 44, 54, 69, 78, 295, 296, 297, 304, 305

Argumentação 90, 91, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 112, 152

Arte 16, 17, 18, 19, 21, 22, 29, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 166, 172, 174, 177, 179, 180, 181, 182, 185, 206, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 280, 282, 284, 285, 324, 326, 328, 330, 331, 333, 334, 335, 336, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 353, 355, 356, 357, 358, 361, 362, 363

Arte Contemporânea 56, 57, 58, 59, 62, 65, 333

Artes Integradas 174, 176, 177, 178, 184

Artes Visuais 16, 18, 56, 58, 59, 66, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 183, 185, 264, 269, 270, 277, 278, 345, 346

Artigo de Opinião 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101

B

Base Nacional Comum Curricular 67, 69, 71, 73, 75, 78, 104, 108, 110, 114

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 67, 69, 108

C

Ciberespaço 40, 41, 46, 49, 51, 52, 217, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 231, 232

Ciência Linguística 1, 2, 6, 7, 8, 9, 12, 13

Cultura 21, 24, 32, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 69, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 107, 116, 118, 121, 122, 123, 126, 131, 133, 137, 142, 149, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 185, 189, 192, 212, 213, 218, 219, 221, 224, 255, 258, 262, 264, 272, 274, 275, 277, 284, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 308, 332, 335, 336, 337, 356

D

Danças Regionais 162, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Diretrizes Curriculares 19, 29, 79, 80, 89

Discurso 1, 2, 11, 12, 13, 14, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 78, 90, 101, 123, 159, 191, 198, 217, 220, 221, 222, 223, 233, 234, 235, 236, 241, 242, 243, 244, 295, 296, 297, 299, 300, 302, 304, 305

E

Educação Bilíngue 31, 34, 35

Educação Inclusiva 31, 32, 34, 36, 37, 38, 323

Educação Musical 15, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 174, 184, 270, 273, 276, 280, 282, 283, 284

Ensino de arte 56, 57, 62, 105, 107, 114, 258, 346, 348

F

Formação de professores 15, 16, 20, 29, 78, 79, 107, 215, 216, 218

Formação docente 87, 109, 219, 221

G

Guia didático 40, 41, 42, 46, 47, 54

H

Hipertexto 217, 225, 226, 228, 232

I

Inclusão Social 31, 224, 261, 283, 308, 319, 320, 321, 324

Indígena 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 117, 271, 277

Interdisciplinaridade 80, 81, 86, 264, 270, 277, 283, 324

L

Linguagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 33, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 66, 68, 69, 76, 77, 83, 84, 89, 105, 107, 109, 111, 124, 129, 136, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 189, 200, 207, 214, 215, 216, 217, 218, 224, 226, 227, 234, 235, 236, 263, 264, 270, 280, 287, 291, 308, 340, 346, 349, 355, 357, 358

M

Materiais alternativos 268, 270, 276, 277, 283

Música 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 132, 138, 139, 145, 146, 147, 148, 162, 166, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 197, 260, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 292, 293, 294, 311, 326, 327, 332, 356, 360, 361, 362, 363

N

Naturalismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Novas tecnologias 40, 46, 163, 174, 177, 178, 184, 185, 228, 260, 261, 268, 269

O

Orientação sexual 67, 68, 69, 75

P

Pedagogia 16, 18, 19, 20, 35, 70, 78, 79, 80, 83, 85, 86, 88, 89, 136, 219, 222, 293, 318

Pedagogo 15, 16

Poesia 84, 163, 225, 256, 353

Professor 15, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 30, 33, 70, 88, 92, 95, 102, 106, 107, 112, 120, 132, 133, 159, 202, 219, 221, 222, 223, 224, 258, 260, 262, 263, 267, 277, 280, 282, 284, 353, 355, 357, 358

Professor pedagogo 15

S

Subjetividade 38, 40, 45, 52, 53, 176, 198, 206, 296

T

Teoria social do discurso 67, 68, 69

 **Atena**
Editora

2 0 2 0